

## **A ESCAVAÇÃO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TEMPLO DOS PILARES E SUA RELAÇÃO COM A OCUPAÇÃO HUMANA E A PRODUÇÃO DE ARTE RUPESTRE EM MATO GROSSO DO SUL**

**The excavation in Templo dos Pilares Archaeological Site and its Relation with Human Occupation and Rock Art Production in Mato Grosso do Sul State, Brazil**

**João Carlos de Souza**<sup>1</sup>

*joaosouza@ufgd.edu.br*

**Rodrigo Luiz Simas de Aguiar**<sup>2</sup>

*rodrigoaguiar@ufgd.edu.br*

118

### **RESUMO**

Apesar de um terço da arte rupestre de Mato Grosso do Sul estar em Alcinópolis, nunca lá houve escavação arqueológica. Visando superar esta lacuna, em março de 2016 o Laboratório de Arqueologia da UFGD empreendeu a primeira escavação arqueológica da região, tendo por objeto o Templo dos Pilares. Os resultados permitiram identificar dois momentos de ocupação humana: um mais antigo, que abrangeu o período entre 10 e 7 mil anos atrás e que está relacionado aos primeiros povos caçadores e coletores, autores das pinturas; e outro, mais recente, de povos ceramistas cuja presença remonta 3 mil anos, sendo os autores das gravuras. As datações radiocarbônicas apresentadas neste artigo foram feitas no Laboratório Beta Analytic, em Miami, USA.

**Palavras chaves:** Pré-história, arte rupestre, Mato Grosso do Sul, Brasil.

---

<sup>1</sup> Docente, Curso de História, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>2</sup> Docente, Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

## ABSTRACT

Although a third of rock art sites in Mato Grosso do Sul is located in Alcinópolis, until then no archaeological site was subject of archaeological excavation in this city. In the aim to eliminate this gap, the Laboratory of Archaeology at the *Universidade Federal da Grande Dourados* promoted the first archaeological excavation in that municipality and the chosen place was *Templo dos Pilares*. The results of the excavation indicates two moments of human occupation: the first and older covered the period between 10,000 and 7,000 years ago and is related to the first groups of hunters and gatherers, authors of rock paintings; the other one, more recent, is related with ceramists groups whose presence dates back 3,000 years, being the authors of the engravings figures. The radiocarbon dating was made by Beta Analytic Laboratory in Miami, USA.

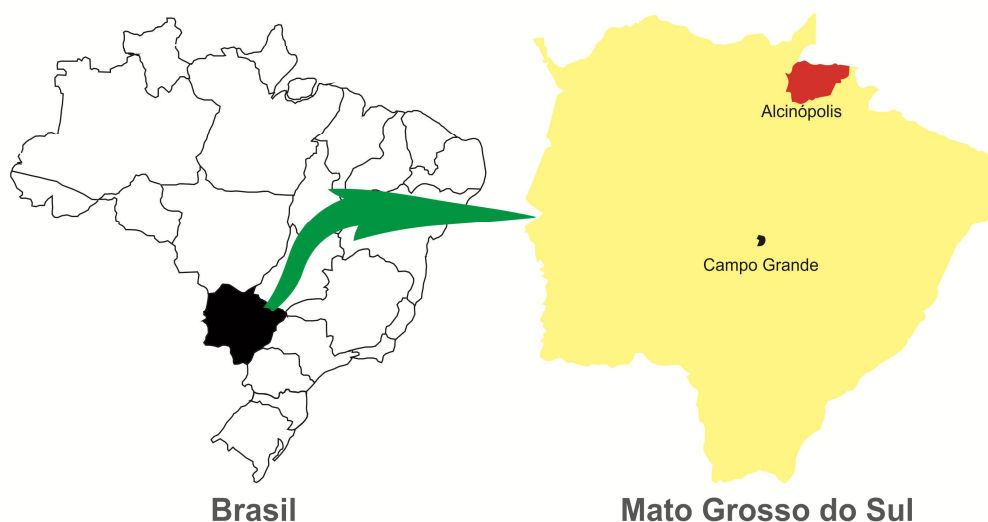
**Keywords:** Prehistory, Rock Art, Mato Grosso do Sul State, Brazil.

## O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DA ÁREA ESTUDADA

O sítio arqueológico ‘Templo dos Pilares’ está localizado no município de Alcinópolis, norte do Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Registrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) sob a sigla MS-AL-01 é formado por um abrigo de grande dimensão, cujo teto sustenta-se sobre enormes colunas naturais, daí o nome popular do sítio. Sua impressionante formação geológica, com paredes que ostentam a maior concentração de pinturas e gravuras de todos os sítios regionais, torna o Templo dos Pilares o mais emblemático sítio de arte rupestre do Estado.

Ainda que um terço de toda a arte rupestre de Mato Grosso do Sul ocorra em sítios dentro do território de Alcinópolis, nunca até então um sítio arqueológico deste município havia sido objeto de escavação arqueológica. Visando superar este vazio nos registros arqueológicos, o Laboratório de Arqueologia da

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul empreendeu uma campanha de escavação que abrangeu três pequenas prospecções em distintos pontos do sítio. Os resultados permitiram situar o início da ocupação do sítio há mais de 10 mil anos, sendo as datações processadas pelo Laboratório Beta Analytic, em Miami – USA. Também foi possível perceber dois momentos distintos de ocupação, possibilitando estabelecer relações entre estas fases de ocupação e a arte rupestre.



120

Figura 1 – localização de Mato Grosso do Sul e de Alcinópolis.

A data mais antiga para o início da ocupação humana no Estado de Mato Grosso do Sul foi obtida por Martins & Kashimoto (2012): 12.600 anos para o sítio Casa de Pedra, em Chapadão do Sul. O mesmo sítio havia sido estudado por Schmitz e datado em 10.470 A.P. (lembrando que à época não havia o recurso de datas

calibradas), sendo que os resultados da pesquisa estão descritos na dissertação de Veroneze (1992). O contexto arqueológico para as terras do Brasil Central vão apontar entre 12 e 10 mil anos atrás como o período com mais registros para o início da ocupação humana, padrão que se repete em diferentes Estados, como Mato Grosso, Goiás e Tocantins, além de Mato Grosso do Sul. A exceção no Centro Oeste é o abrigo de Santa Elina, em Mato Grosso, com registro de 25 mil anos A.P. (Vialou, 2005). Lucas Bueno e seus colaboradores (Bueno *et al*, 2013; Bueno & Dias, 2015), ao analisar as datas provenientes de diversos sítios arqueológicos brasileiros, asseveram que o processo de ocupação dos campos de cerrado é resultado de fenômenos migratórios que entre 12 e 11 mil anos atrás contaram com os sistemas fluviais como rota de acesso.

121

Os primeiros assentamentos humanos do Cerrado apresentam, normalmente, uma indústria lítica de raspadores plano-convexos – as famosas lesmas – e lâminas de dorso (Dias Jr., 2006). Diante da ocorrência reiterada de artefatos líticos que apresentam tais características em diferentes sítios do Brasil Central, Pedro Ignácio Schmitz estabelece a classificação de *Tradição Itaparica* para este primeiro momento de ocupação das terras de Cerrado (Schmitz *et al*, 1984; Schmitz *et al*, 1989; Schmitz *et al*, 2004; Schmitz, 2005). Bueno e Dias (2015: 120) propõem que, diante da paisagem e clima que se apresentam neste período de transição entre Pleistoceno e Holoceno, os “caçadores-coletores da Tradição Itaparica investiram em estratégias generalistas, baseadas em sistemas de mobilidade sustentados por amplos territórios, cujos domínios eram demarcados pelos estilos

regionais das indústrias líticas e da arte rupestre”. Ainda que pesem algumas críticas sobre o atual modelo de tradições, João Carlos Moreno de Souza (2016) pondera que a presença de “lesmas” em diversos sítios do Brasil Central, datados deste período de transição Pleistoceno-Holoceno, é aceita por muitos arqueólogos brasileiros e sustenta o valor dos artefatos plano-convexos como guias classificatórios para o que ele vem chamar de “indústria Itaparica”. Há abrigos em que a ocupação humana aparece inequivocamente associada a resquícios de megafauna, como é o caso de Santa Elina, em Mato Grosso (Vialou & Vialou, 2009). A ocupação destes primeiros grupos de caçadores e coletores persiste em finais do Pleistoceno, adentrando até o Holoceno inicial sem grandes variações tecnológicas.

122

O clima sofre uma variação significativa no Holoceno Médio, entre 7 e 6 mil anos atrás. Maria Lucile Dias de Melo e José Antonio Marengo (2008) explicam que a redução de intensidade da circulação da ASAS (alta subtropical do Atlântico Sul) no inverno, durante o Holoceno Médio, facilitaria a penetração de frentes frias em direção ao norte da América do Sul, acarretando maior resfriamento. Esta alteração, no caso do sítio arqueológico Templo dos Pilares, coincidirá com um período de despovoamento: na principal área prospectada, situada dentro do abrigo, as camadas mais profundas se estendem até 8 mil anos A.P.; depois há um salto para 3.000 A. P., indicando despovoamento ou uso esporádico do abrigo durante o Holoceno Médio. Este fenômeno também é notado em outros pontos do Brasil Central, onde recebe a denominação de “Hiato do Arcaico”, resultado de

períodos de baixa pluviosidade e consequente diminuição de volume dos recursos hídricos (Araújo *et al*, 2003).

Entre 4 e 3 mil AP surge em Mato Grosso do Sul uma ocupação ceramista, com produção de artefatos tanto em lascas como polidos – cronologia esta confirmada no Templo dos Pilares. Os recipientes cerâmicos são de pequena dimensão, com decorações incisas (quando as tem) e de coloração marrom escura. Nos estados do sul, como em Santa Catarina, estas ocupações são associadas a uma origem Macro-jê, como é o caso da tradição Taquara. Seriam grupos que há cerca de três mil anos teriam iniciado migrações dos campos de cerrado do Brasil Central para as terras interioranas do sul do Brasil (Schmitz & Rogge, 2013). Mas cabe salientar que existe a hipótese de que os ceramistas da tradição Una representariam a continuidade de caçadores e coletores tardios que gradualmente incorporaram a agricultura e a produção de recipientes cerâmicos (Wust, 1990; Morales, 2008).

Em Mato Grosso do Sul, tanto os grupos de caçadores e coletores, quanto os primeiros ceramistas, vão privilegiar a ocupação das escarpas rochosas que separam as terras altas do Cerrado da planície pantaneira, talvez pela possibilidade de otimizar as ações de forrageio pela exploração de dois ecossistemas distintos (Aguiar, 2015). Nos abrigos rochosos situados nesta linha de transição há um grande número de gravuras e pinturas rupestres, registro perene da passagem destes povos pelos campos estépico do Brasil Central em tempos pré-históricos.

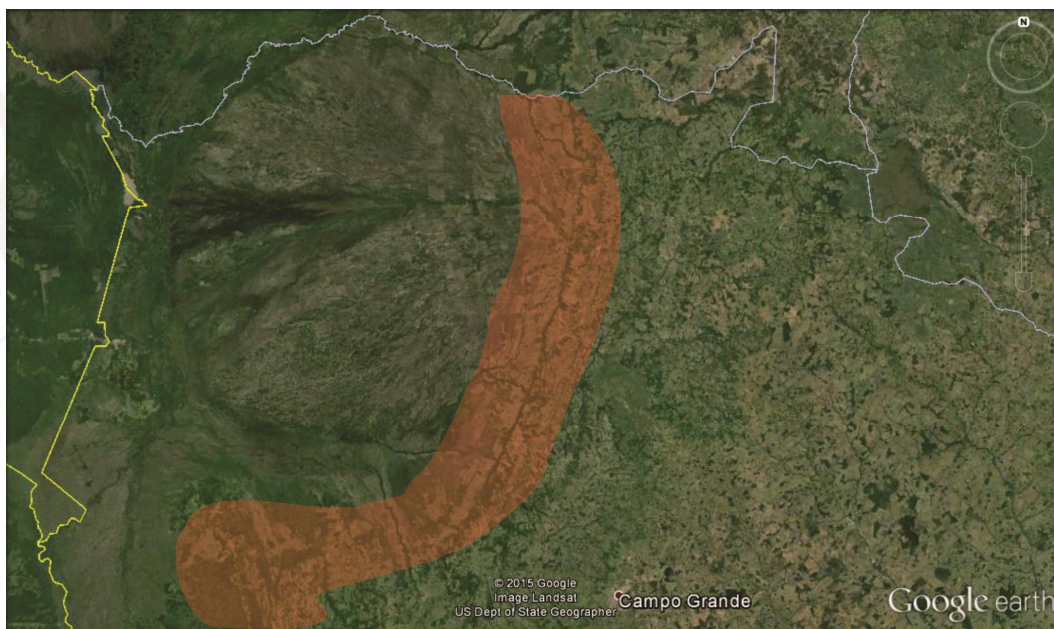


Figura 2 – Imagem de satélite do Google Earth com destaque em vermelho da área de transição Cerrado – Pantanal.

### **A ESCAVAÇÃO DO TEMPLO DOS PILARES E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os trabalhos de prospecção arqueológica intrusiva no sítio arqueológico Templo dos Pilares se deram no mês de março de 2016. Nove pessoas, entre professores e alunos, participaram da etapa de campo, sendo que a equipe ficou alojada na Sede do Parque graças à colaboração da Prefeitura de Alcínópolis. A metodologia de escavação seguiu o modelo de níveis artificiais, com a progressão em camadas de dez centímetros. Houve uma opção deliberada por escavar pequenos pontos de prospecção. Além de trazer a luz importantes informações sobre a ocupação humana na região, a opção por pequenas áreas escavadas permitirá que mais estudos sejam empreendidos no futuro, fazendo uso de novas tecnologias.



Figura 3 – vista do abrigo Templo dos Pilares.

O primeiro local escavado foi uma cavidade localmente conhecida por Caverna do Bezerra. De nível quase plano, apresenta sedimentos muito soltos. Para fins de ordenamento de informações, denominamos este primeiro ponto de escavação de ‘Área Prospectada 1’. Foi feito o quadriculamento com duas colunas e três linhas, totalizando seis quadrículas. Destas, apenas duas, as quadrículas A2 e B1, foram efetivamente escavadas. O trabalho se mostrou infrutífero, sem ocorrência de material arqueológico, motivo pelo qual se optou por estabelecer nova área para prospecção.

O segundo ponto de escavação, denominado ‘Área Prospectada 2’ se deu ao pé de um paredão de arte rupestre, num abrigo menor, situado antes da entrada do grande salão do Templo. Trata-se de um destacado conjunto de pinturas geométricas e naturalistas sobrepostas por gravuras estilisticamente similares àquelas classificadas como ‘Tradição Geométrica Meridional’<sup>3</sup>. O abrigo, com ampla abertura e pouca profundidade, faz uma reentrância em forma de ‘U’, local este onde precisamente se estabeleceu o quadriculamento. Foram feitas quatro quadrículas de um metro quadrado - A1, A2, B1 e B2 – e o *datum* posicionado além da face nordeste da quadrícula A1, nas coordenadas UTM 0216648-7991351. A camada de sedimentos não era muito profunda, atingindo o leito rochoso a 49 centímetros no ponto mais profundo. O solo apresentou uma colocação em tom de castanho claro, sendo de consistência muito solta, o que é

---

<sup>3</sup> Denomina-se “Tradição Geométrica Meridional” os conjuntos de gravuras obtidas principalmente por polimento e que reproduzem pegadas de animais associadas a linhas geométricas. Por vezes este tipo de manifestação é também denominado “Estilo Pisadas”.

esperado para abrigos de arenito. A estratigrafia não apresenta alterações entre as ocupações. Apenas três datas foram obtidas, sendo a duas mais antigas de 7.425 A.P. (cal) e 7.420 A. P. (cal) e a mais recente de 4.825 A. P. (cal). As camadas de ocupação revelaram um material lítico lascado com produção de raspadores e lâminas, mas sem a presença dos típicos plano-convexos.

O último ponto de prospecção escolhido, denominado ‘Área Prospectada 3’, se deu precisamente dentro do grande abrigo que concede o nome ao sítio. Nesta área foi onde se obteve os resultados mais significativos. Foi feito um único ponto de escavação, de 4m<sup>2</sup>. Este poço de prospecção de 2 x 2m estava situado ao pé de duas das grandes colunas, cujo *datum*, posicionado ao pé da quina da passarela (ponto mais alto), ocupou as coordenadas UTM 0216688-7991299, em uma elevação de 565 metros.

As camadas mais profundas atingiram 1,93 m. de profundidade, quando se alcançou a base do abrigo. Este período mais antigo, a exemplo da área anterior, corresponde a uma indústria de lascas objetivando a produção de lâminas e raspadores. Apenas um único artefato corresponde tipologicamente ao que Souza (2016) vem chamar de Indústria Itaparica, ainda assim aparentado estar inacabado, mantendo parte do dorso com matéria prima original e elevada convexidade, como se o trabalho de produção do artefato tivesse sido interrompido – provavelmente um descarte por acidente de lascamento. A maior parte das lascas é do tipo conchóide, tradicionalmente resultante da Percussão

Direta Dura. A grande quantidade de resíduo de lascamento, entre fragmentos e estilhas, indica que aquele era um ponto de produção de artefatos. O nível 19 foi datado em 10.735 A. P. (cal), correspondendo potencialmente ao início da ocupação no Templo dos Pilares. Esta ocupação mais antiga se prolonga até o nível 16, datado em 9.130 A. P. (cal). A terra apresenta uma coloração muito escura e de textura muito solta, lembrando o pó de café torrado, em muito diferente do que se espera em um abrigo de arenito. As características desta terra podem indicar que àquele tempo havia uma maior pluviosidade, com presença de cursos de rios ou córregos nas proximidades.

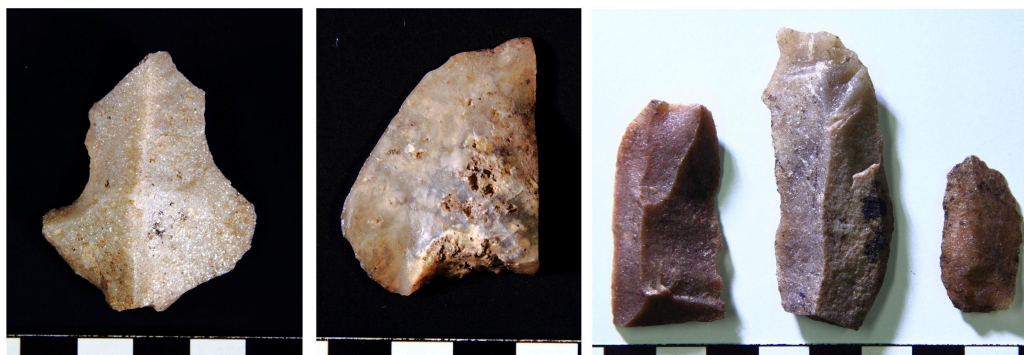


Figura 4 – artefatos líticos associados à ocupação mais antiga.

Já o nível 14 diz respeito a uma nova ocupação, datada em 3.175 A. P. (cal), que persiste até às camadas mais recentes do sítio: Nível 12 com 3.345 A. P. (cal), Nível 10 com 3.340 (cal), Nível 8 com 3.210 (cal) e nível 3 com 2.840 A. P.

(cal)<sup>4</sup>. Esta nova ocupação está associada à chegada de grupos ceramistas, que produziam lascas para uso como raspadores e lâminas, mas surgem também fragmentos de artefatos polidos, um deles claramente parte do grume de um machado. Tanto a cerâmica quanto os machados são evidências que podem apontar para a prática de cultivos incipientes. Assim como no caso anterior, a presença massiva de resíduos de lascamentos, como estilhas e outros fragmentos, indica que aquela foi uma área de produção de artefatos. Todos estes níveis são compostos por uma terra de cor castanho-clara, com abundante ocorrência de carvão e cinzas. Excluindo o nível superficial, que apresenta maior perturbação em razão de sua terra ser muito solta, se tem praticamente 1,30 metros de espessura que corresponde a um único e massivo período de ocupação, ocorrido ao redor de três mil anos atrás. A abundante quantidade de cinzas e carvões, com presença de fragmentos de ossos de animais muito deteriorados, demonstra que a caça era amplamente praticada e que esta ocupação era bem mais populosa, se comparada com a outra, mais antiga.

No nível 5 foram recolhidos três fragmentos de cerâmica que estilisticamente podem ser associados à Tradição Una. Um fragmento do mesmo tipo de cerâmica foi também obtido no nível 3. Os fragmentos apontam para a produção de recipientes de pequena dimensão, de não mais que quinze centímetros de largura, e com paredes muito finas, entre três e quatro milímetros. Na face externa

---

<sup>4</sup> No nível 6 aparece uma data anômala de 1.780 A. P., razão pela qual uma nova mostra deverá ser submetida para confirmação.

apresentam decoração incisa de linhas paralelas riscadas. No mesmo contexto, além das lascas, estilhas, lâminas e raspadores, aparecem fragmentos de líticos polidos e de seixos de rio.

Desta mistura de terra fina castanho-clara com cinzas e restos de carvão resultou um conteúdo muito solto, dificultando a manutenção das paredes. Quando se atingiu o nível 11 a parede da face sul desmoronou. Foi montada uma contenção a fim de evitar contaminação e escavação prosseguiu em uma área de um metro quadrado situada na face noroeste da área prospectada, até atingir o último nível.

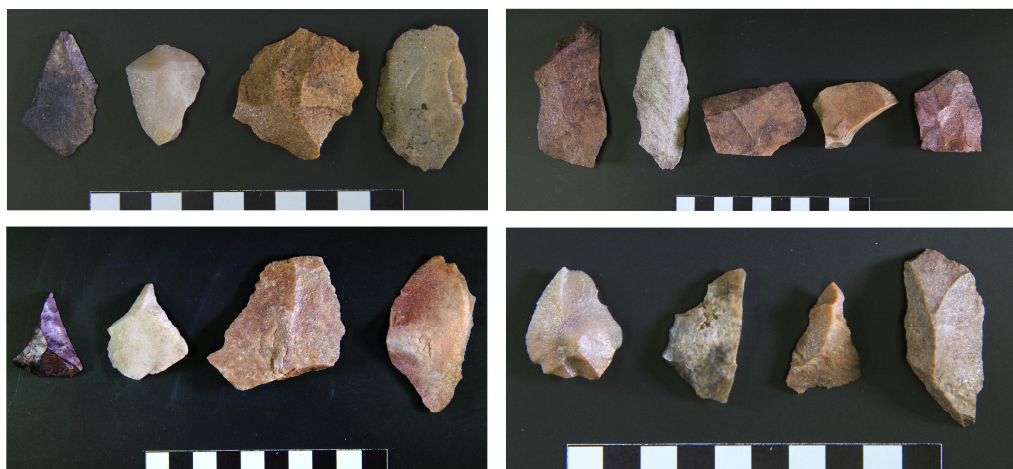


Figura 5 – artefatos líticos referentes à ocupação mais recente.



Figura 6 – fragmentos de cerâmica.

## RESULTADOS

No que diz respeito à tecnologia de produção de artefatos, em ambos contextos predomina o mesmo modo de operar. Da busca de matéria prima, predominantemente arenito silicificado, aplica-se um processo de debitagem a fim de se extrair as camadas externas, friáveis, para atingir os veios silicificados. Deste processo de debitagem resultam lascas grandes, algumas disformes, compostas em sua maior parte de arenito típico, que se esfarela sob a pressão dos dedos. A partir da plataforma de lascamento, já em arenito silicificado, extraem-se lascas menores, por percussão direta dura, que darão suporte para a produção de artefatos acabados ou feitos em lascas *per se*. Notou-se a produção de pontas,

especialmente na ocupação mais recente, inclusive com emprego de percussão direta macia, mas estas pontas são resultado de pouco investimento tecnológico se comparadas com as da tradição Umbu/Humaitá.

Depois do arenito silicificado, que corresponde a mais de 90% da matéria prima, aparecem artefatos em quartzo e em silexito. Calcedônias e riolitos surgem de forma muito esporádica e somente em forma de lascas menores. Pequenas lascas indicam trabalhos de façonagem, tanto por micro lascamento como por percussão direta macia ou ainda percussão indireta. Contudo, estes vestígios se misturam com a farta presença de estilhas e outros resíduos procedentes do processo de lascamento por percussão direta dura, conforme constatamos de forma experimental no laboratório. Durante a análise do material, percebeu-se que entre os remanescentes da fase mais recente aparece com maior frequência lascas com estigmas térmicos, ainda que estes estejam também presentes na fase mais antiga. Tal evidência sugere que, em alguns casos, a matéria prima foi submetida ao fogo antes de ser lascada.



133

Figura 7 – Ponta de projétil inacabada, em silexito, proveniente do nível 5, onde se percebe o uso de percussão direta macia. O material foi descartado antes de sua finalização em razão de acidente de lascamento.

Os grafismos dispostos ao longo das paredes do sítio, desde sua entrada, em abrigos menores, até o grande salão, apresentam diversas sobreposições. Na sequência cronológica, as pinturas são mais antigas que as gravuras, dado importante para entender as relações entre ocupações humanas e produção da arte rupestre, subsidiando as conclusões da pesquisa.

## CONCLUSÕES

A escavação revelou que o Templo dos Pilares foi inicialmente frequentado por povos caçadores e coletores, pré-ceramistas, que se estabeleceram na região há mais de 10 mil anos. À época, como visto, clima e vegetação eram um pouco diferentes. Além do mais, transitavam pelas estepes os últimos remanescentes da megafauna pleistocênica. Os humanos deste período preferiam ocupar os abrigos que ocorrem em grande número na cadeia de montanhas que se debruça sobre uma vasta planície cortada por rios e córregos e que mais tarde viria a ser o Pantanal. Tais abrigos naturais eram convertidos em espaços humanos por intermédio de pinturas parietais que representavam elementos do ecossistema e outras categorias de destaque na cosmologia daqueles grupos.

As pinturas, desta forma, estão relacionadas à ocupação mais antiga e abordam temáticas que vão transitar entre as representações zoomorfas e as formas geometrizzantes. Aparecem pigmentos em tons de vermelho, amarelo, preto e branco. Ao analisar as sobreposições de grafismos, como informado no item anterior, percebe-se que as gravuras aparecem sempre sobrepostas às pinturas, o

que nos permite relacionar os pictoglifos com a ocupação mais antiga e os petróglifos, por sua vez, com os níveis mais recentes do abrigo.



Figura 8 - Painel com pinturas rupestres, Templo dos Pilares.

Os ceramistas, autores das gravuras rupestres estilisticamente similares à Tradição Geométrica Meridional, vão adotar semelhante sistema de ocupação dos povos caçadores e coletores, que privilegiou as franjas de montanhas que se debruçam sobre a planura do Pantanal. Será um momento de transição no modo econômico, marcado pelo surgimento da cerâmica e, em seguida, pelas primeiras formas de cultivo. Este quadro se sustenta por mais de dois milênios, até o momento em que

estes antigos ceramistas foram subjugados e expulsos pelos ancestrais dos povos ceramistas da era proto-colonial, que se tornam hegemônicos em todo território do Estado, vindo mais tarde a contatar os conquistadores de origem europeia.



136

Figura 9 – Gravuras rupestres da Tradição Geométrica Meridional, Templo dos Pilares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. L. S. *Pessoas, objetos tempo e espaço: reflexões acerca das relações entre arte rupestre e ocupação do espaço ambiental na pré-história*. Artigo de pós-doutorado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2015.

ARAUJO, A. G. M.; NEVES, W. A.; PILO, L. B. “Eventos de seca no Holoceno e suas implicações no povoamento pré-histórico do Brasil Central”. *Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário*, 2013.

BUENO, L.; DIAS, A. S. “Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro”. *Estudos Avançados*, Vol. 29, No. 83, pp. 119-147, 2015.

BUENO, L.; DIAS, A. S.; STEELE, J. “The late Pleistocene/Early Holocene archaeological record in Brazil: A geo-referenced database”. *Quaternary International*, Vol. 301, pp. 74-93, 2013.

DIAS DE MELO, M. L.; MARENGO, J. A. “Simulações do clima do Holoceno Médio na América do Sul com o Modelo de Circulação Geral da Atmosfera do CPTEC”. *Revista Brasileira de Meteorologia*, Vol. 23, No. 2, pp. 190-204, 2008.

MORALES, W. F. *Brasil Central, 12.000 anos de ocupação humana no médio curso do Rio Tocantins, TO*. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. *12.000 anos: Arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande (MS): Life Editora, 2012.

SCHMITZ, P. I. “A evolução da cultura no Sudoeste de Goiás”. *Pesquisas, Série Antropologia*, No. 31. São Leopoldo: IAP, 1980.

SCHMITZ, P. I. “Caçadores-coletores do Brasil Central”. In: TENÓRIO, M. C. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 75-88, 1999.

SCHMITZ, P. I. “Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul”. *Palestra de abertura do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 2005. [Disponível em: <http://www.anchietano.com.br>]

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. “Pesquisando a trajetória do Jê meridional”. *Pesquisas, Série Antropologia* No. 70, pp. 07-33, 2013.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L.; RIBEIRO, M. B. “Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis I”. *Pesquisas*, Série Antropologia, No. 44. São Leopoldo: IAP, 1989.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B.; VERARDI, I. *Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia*. São Leopoldo: IAP, 1984.

SOUZA, J. C. M. “Lithic technology of an Itaparica industry archaeological site: the Gruta das Araras rockshelter, Midwest Brazil”. *Journal of Lithic Studies* (2016) vol. 3, No. 1, pp. 1-20, 2016.

VERONEZE, E. *A ocupação do Planalto Central Brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 1992.

VIALOU, A. V.; VIALOU, D. Dos primeiros povoamentos às ocupações ceramistas em abrigos rupestres de Mato Grosso. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*, Vol. 11 e 12, Nos. 20 e 21, pp. 33-54, 2009.

WÜST, I. *Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: USP, 1990.